

TRADUÇÃO: “O PERFIL DE ARIADNE”

Sébastien LAPAQUE ¹
Tradução de Jório CUNHA ²

Inverno. O céu sobre Paris, branco e baixo, a cidade soçobra de repente, ferroadada até os ossos por um vento gelado que desliza rente às calçadas. Como a cada ano, os restaurantes Cyberfood celebram a nova estação. Na Gare Montparnasse, autofalantes fixados no concreto espalham barulhos de gaiivotas e de maré, universitários distribuem roscas de frango, leite vitaminado.

Sob um grande painel luminoso que proclama “Oba! Inverno!”, um homem e uma mulher se beijam. A moça tem os cabelos pintados de vermelho, um anoraque amarelo, usa calçados de montanha. “Repressão brutal em Tóquio,” anuncia um diário de páginas esparramadas. Na véspera, o governo japonês ordenou o avanço de tropas contra os mineiros em greve. A ruivinha nem se importa. Ela é sortuda e chique, egoísta, sensual, inconstante. Dois ferroviários de boné assoviam para ela. Ela se vira, mostra a língua para eles.

No mesmo instante, Mondeville desce do trem, vindo de Saint-Brieuc. O semblante altivo, o rosto com bochechas sulcadas o destacam na multidão. Na estação refrigerada, ele anda a largas passadas. Aos cinquenta e cinco anos, ele ainda lembra o comandante de seção que foi, em um regimento de cavalaria aerotransportada, trinta anos antes. Tenente Fléchier de Mondeville. Ele nunca foi promovido ao grau superior. As divisas de gala que envergou no Benim, nas Comores e na Rodésia não adiantaram em nada.

Sob o grande relógio que marca três horas e dez, Mondeville dá uma última tragada no seu cigarro. No saguão, ele observa os viajantes que perambulam com esquis nos ombros. Ele notou estranhas mutações, desde o seu retorno à Europa: as orquestras de telefones celulares, as conversas amargas, o nervosismo das mulheres, a violência de uns, a indolência de outros.

¹ In: LAPAQUE, Sébastien. *Mythologie française*. Paris: J'ai Lu, 2004. p. 9-23. Para ler a perspectiva teórica que embasou esta tradução, favor conferir o artigo “A cidade como labirinto: tradução comentada do conto *Le profil d'Ariane*, de Sébastien Lapaque” de Jório Cunha e Emilie Audigier neste mesmo número da *Passages de Paris*.

² Jório CUNHA é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília (PosTrad/UnB).

No trem, ele ocupou seu trajeto a rabiscar as páginas de uma pequena caderneta de espiral. Sempre o mesmo desenho, uma linha sinuosa, misteriosa. Três estações antes de Paris, ele viu dois jovens rapazes brigando na plataforma. Os infelizes dos garotos gritavam feito possuídos. Um deles puxou uma faca. O trem partiu novamente.

Mondeville não pensa mais nisso. Ele vai até uma banca de jornais. As pessoas se empurram ao redor do expositor dos diários. Ele passa rapidamente em frente às revistas, indiferente aos títulos. “Os segredos da Grande Quebra”... “Viver feliz sozinha”... “A revolta das crianças”... “A apoteose de Luis Mariano”... Ao fundo da loja, encontra o que procura. Ele paga, enfia o pequeno mapa de Paris no bolso. A vendedora se deteve pelo seu olhar azul, seu nariz elegante, a precisão de seus gestos.

A atmosfera que Mondeville reencontra depois de tantos anos o surpreende. Ele não reconhece a estação. Da primeira vez em que veio, ele tinha seis anos. Era antes da construção da torre Montparnasse, que ele viu subir lentamente no céu, desafiar o peso, lentamente alcançar as nuvens. Seu tio o acompanhava. Ele puxava com orgulho a malinha atrás de si. Essa catedral negra e sonora o impressionava. Ele gostava dos ecos metálicos sob a abóbada, do murmúrio das locomotivas, das máquinas de doces.

Ao sair, Mondeville afugenta essas imagens. Por muito tempo ele acreditou estar prometido a uma morte violenta. Nunca imaginou que um dia dois mundos tão diferentes se encontrariam nele.

No largo, jovens vestidos de casacos impermeáveis cor-de-rosa distribuem panfletos, soltando gritos agudos. Eles pregam a revolta. Com as mãos nos bolsos do casaco, Mondeville para.

Uma moça que avança sobre patins lhe entrega um folheto, se afasta com a mesma rapidez. Ele pega o panfleto, dobra-o, guarda-o no bolso. Gotas de água gelada caem do céu. Os jovens sacam confetes, os lançam sobre o largo, dando cores de arco-íris à garoa. A moça volta na direção de Mondeville com outro papel.

– O senhor assina?

Assanhada, ela acha Mondeville sedutor, dá um passo adiante. Ele ergue os olhos. Esse jeito que ela tem de dar piscadelas. Ariadne. As mesmas bochechas, o mesmo olhar. Ele não lê o texto, rabisca um nome que lhe passa pela cabeça. Casimir Perier.

– Obrigado.

Ela tem um sorriso bonito, dentes muito brancos. Mondeville caminha até a torre Montparnasse, pensando em sua filha. Da mesma idade desses garotos, vestida como eles, com calças listradas, jaquetas grandes. Na semana anterior eles foram juntos ao cinema. Maria escolheu um filme que lhe agradava, uma estória de rivalidade entre um

tira e um bandido na costa oeste dos Estados Unidos. Os atores eram até bons. Uma cena de tiroteio iluminou o meio do filme. No resto do tempo Mondeville se entediou.

No restaurante eles quase não se falaram. Era a primeira vez que se reencontravam em três anos. Maria tem dezoito anos, tez canela, cabelos pretos, olhos sorumbáticos e bonitos. Ela leva o nome da mãe. Os colegas de Maria Ndoudi estão longe de imaginar que o seu verdadeiro nome é Marie Élisabeth Charlotte Fléchier de Mondeville. Um de seus antepassados, o conde Duverger de Mondeville, foi ajudante-de-ordens do marechal de Villars na batalha de Denain. Belo retrato seu nas *Memórias* de Saint-Simon.

Maria nunca fala de seu pai aos seus amigos. Sua mãe, criada pelos dominicanos de uma missão francesa no Congo, quis matriculá-la em uma escola particular. Dizia que ela estaria protegida. Mondeville era contra, mas cedeu. Mal posicionado demais para impor suas visões sobre a educação da filha. Além do mais, ele não tem nenhuma.

– As freiras não te chateiam? perguntou ele a Marie, sem jeito para achar assunto durante o jantar.

Ela deu de ombros.

– Mas papai, do que é que você está falando? Não há mais freiras em Notre Dame há vinte e cinco anos.

Mondeville chega ao pé da torre Montparnasse, entra no saguão. "Que ideia de marcar um encontro comigo em um lugar assim".

Ele desliza para dentro do elevador. As portas se fecham. A cabine sobe tremendo até o quinquagésimo-sexto andar.

– Bom dia, senhor.

Uma recepcionista de blazer azul faz sinal para que a siga. Mondeville fita suas coxas apertadas contra a saia, sua bunda arredondada.

Ao fundo do restaurante, ele reconhece Devienne, acomodado com dois desconhecidos à volta de uma mesa redonda. Eles se levantam.

– Mondeville! exclama Devienne.

Esse horror do uso do primeiro nome entre homens.

– Feliz em te rever.

Devienne abraça longamente o amigo.

– Te apresento Enzo Panini e Bernard Le Brazinec, vulgo Braze, seu homem de confiança na França. Sente-se.

Mondeville aperta educadamente as mãos, toma lugar na poltrona apontada por Devienne, a vidraça às suas costas.

– Bebe alguma coisa?

Mondeville examina os três copos sobre a mesa. Pega um deles ao acaso, cheira. Conhaque.

– Limão prensado.

A toalha de mesa está manchada. Enzo Panini abriu os botões da sua jaqueta.

– Por onde você anda? pergunta Devienne.

Mondeville encara seu amigo. Ele não mudou. Prolixo, elegante, cabelos loiros crespos, olhos azuis transparentes. Ele manteve-se um incansável provedor de maus golpes. Quando soube que Mondeville havia retornado da África, ligou para ele sem demora.

– Um golpe extraordinário. A ocasião de esquecer os fracassos do passado. Você não pode perder este. É o que eu tenho a te dizer...

– Ouvi frequentes elogios aos seus méritos, Mondeville.

Le Brazinec fala.

– Na Rodésia. Isso remonta a alguns anos, mas estou convencido de que o senhor nada perdeu dos seus dons. Estou enganado?

– Não sei nada disso.

Mondeville observa seu interlocutor. Um tipo magricela, cuja aparência lhe desagrada. Com seu blazer marcado com o brasão de uma universidade inglesa, seu agasalho vermelho, sua camisa de tecido claro, ele está convencido a se parecer com um colono britânico. Sua tez vermelha lhe dá um ar adoentado.

– O senhor compreende, Mondeville...

É odioso ouvir seu nome na boca desse charlatão.

– As jogadas africanas se acabaram. Eu lamento por isto tanto quanto o senhor. Nós perdemos bastante dinheiro em todos esses negócios. Eu mesmo... Mas por que

falar do passado? A Europa, sem ofensa aos agouros, será o continente do século XXI. A Ásia está atravancada por suas tradições. É aqui que tudo vai se decidir. Cabe a nós criarmos as condições para um crescimento durável. As cartas estão nas nossas mãos. O senhor sabe o que eu quero dizer.

– Não realmente.

Enquanto Le Brazinec continua a discorrer... Projeto muito ambicioso... Grandes interesses financeiros... Dispostos a fazer bastantes esforços... Mondeville tira uma caderneta do bolso.

Ele examina Enzo Panini, homem gordo e careca, vestido com um terno azul, o pescoço atado por uma gravata de flores, rascunha um rosto vago. Devienne, que conhece seu gosto pelo desenho, não presta atenção àquilo.

Le Brazinec continua a falar, mexendo seus longos dedos secos.

– Nós perdemos bastante tempo. É preciso que tudo isso seja acertado em dois meses. Os financiadores não esperarão.

Mondeville está sentado no eixo da torre Eiffel. Ele se vira. Impressionante, flutuar a essa altura. Ele tem a sensação de estar a bordo de um navio. Paris está toda branca, os prédios, minúsculos. As trilhas deixadas pelos aviões de longo curso parecem bem próximas. As nuvens deslizam ao redor delas em grandes pacotes cinzentos.

Enzo Panini se reclinou em direção a seu associado, murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido. Mondeville examina a torre Eiffel, as torres da Défense. À entrada do Champ-de-Mars, os prédios da École Militaire parecem irrisórios. Ele traça linhas na sua caderneta. À sua direita, para além do metrô aéreo, o Lycée Buffon parece um monastério. À esquerda, a cúpula dos Invalides cintila. Mondeville arranca uma página, faz uma bolinha, que joga no cinzeiro. Devienne tem um sobressalto. Seu amigo nunca deixa rastros atrás de si.

– O senhor gosta de Paris, Mondeville?

Ainda Le Brazinec.

– Depende.

– Que quer dizer?

– Quando eu não estou nela.

– O senhor morou bastante no exterior.

– Vinte e cinco anos.

– Eu estou feliz que o senhor aprecie a perspectiva. Nós não marcamos de nos encontrar aqui por acaso. É preciso que o senhor compreenda o que nós queremos fazer de Paris. O senhor Panini veio de Florença e voltará ainda hoje, especialmente para que o senhor saiba que tudo isso é muito sério. A torre Montparnasse é o símbolo de todos os encontros perdidos. Sua construção deveria ter dado o sinal de partida de uma vasta ambição. Infelizmente, os homens não estavam à altura. Paris está com vinte e cinco anos de atraso. Em Toronto, Manhattan, Berlim, Hong Kong, Sydney, torres como esta aqui serviram de pulmões, de centros nervosos. A torre Montparnasse é um barco que ficou no cais.

Le Brazinec pode falar o que quiser. Mondeville vai pegar o dinheiro e fazer o que esperam dele sem fazer perguntas. Devienne tenta encurtar a conversa.

– Fechado?

Seu amigo levanta a cabeça. Ele estende a mão a Enzo Panini, que tira dois envelopes do bolso. Mondeville os pega, cumprimenta rapidamente os três homens e desaparece sem uma palavra.

Le Brazinec e Panini se levantam, comentam seu encontro em italiano. Devienne pega a bolinha de papel de Mondeville do cinzeiro. Ele a desdobra, descobre o desenho. Uma linha estilizada ao extremo, na qual alguns acreditariam reconhecer uma assinatura. Devienne não pode estar enganado. Ele reconheceu o desenho.

O perfil de Ariadne.

Mondeville já desce a rue Bonaparte em direção ao Sena. No Jardin du Luxembourg, as árvores estremeçam como longos esqueletos contando seus segredos aos transeuntes. A luz sobre os muros, a calçada e as grades do jardim é muito branca.

Uma grande satisfação invade Mondeville. Ele examinou rapidamente os envelopes. O primeiro está no seu casaco, estufado por notas de cem dólares apertadas umas contra as outras; o segundo, no bolso da sua calça. Ele contém uma chave.

No Carrefour de l'Odéon, a praça está bloqueada por uma manifestação de estudantes. Curioso, Mondeville se posiciona em recuo, perto de um cinema. As meninas usam camisetas amarelas, verdes, cor-de-rosa, azuis, vermelhas, violetas, sobre as quais estão impressas letras que compõem seu grito de guerra: “Respeito”. Elas pulam, gritam, se beijam. Enquanto isso os meninos berram, lançando panfletos no céu. *Nós somos campeões!... Nós somos campeões!...* A televisão se mobilizou, ela entrevista os agitadores. Agrupados em turbas, os manifestantes impedem os motoristas de chegar ao Boulevard Saint-Germain. Na multidão, Mondeville identifica os policiais à paisana. Delinquentezinhos mal-encarados, que sonham com provocações.

Desde muito tempo o governo não responde mais com violência a contestações. Mondeville observa que não há nenhum policial de uniforme no perímetro. O Primeiro Ministro foi claro: esperar a dissolução do movimento na inanidade dos seus slogans, na vacuidade das suas palavras de ordem, na confusão de seus objetivos.

– Senhor.

Mondeville se vira. É a estudante de há pouco.

– O senhor nos seguiu até aqui?

– Uma coincidência.

– O senhor é tira?

– Pergunte isso àqueles senhores da Chefatura.

Mondeville apontou dois caras de jaquetas de couro sob um abrigo de ônibus. A menina está consternada.

– A polícia?

– É o que parece.

– Como o senhor os reconhece?

– Desde o tempo em que aprendi a escapar deles.

– O senhor não tem cara de bandido.

– Não sou um.

– Espião?

– Qual o seu primeiro nome?

– Claire.

Enquanto eles falam, os brados cessam, guardam-se os cartazes. A circulação dos automóveis é retomada sobre o Boulevard Saint-Germain. Homens de macacões verdes se mobilizam para limpar o cruzamento. Eles recolhem os panfletos, apagam as pichações, seguidos de veículos munidos de potentes jatos de água quente. Logo não restará nenhum rastro da manifestação. A vida retomará seus direitos, com outras promessas, outras palavras de ordem.

A menina sumiu. Um modo de impertinência nas suas perguntas, um tom rouco na voz, uma suspeita de loucura nas suas palavras quase convenceram Mondeville a

retê-la. Uma lembrança. Em junho de 1968 ele descobriu em si uma simpatia inesperada por militantes que ocupavam uma central elétrica bretã. Encarregado de proteger o lugar com seus camaradas da Escola especial militar de Saint-Cyr-Coëtquidan, ele se perguntou o que fazia do lado de cá da barricada. Havia uma menina montada nos ombros de um rapaz que brandia uma bandeira vermelha em uma mão e, na outra, um megafone. Ela berrava palavras de ordem. Nos seus olhos flamejava uma raiva que havia impressionado Mondeville.

Na rue de Rome, Mondeville retorna ao hotel onde ele pagou um quarto por três meses. No armário ele guardou camisas, uma calça, alguns objetos sem valor. Ele põe de lado o pacote que resgatou no guarda-volumes da Gare Saint-Lazare com a chave de Enzo Panini.

Ele se deita na cama grande de cobertas puídas, deixa seu olhar vaguear sobre o papel pintado onde casais de pastores, cercados de corças e cervos, brincam na grama.

Às oito horas, batem à sua porta. Mondeville abre. Uma moça de cabelos engordurados subiu com sua refeição. Ele devora o frango à moda basca, a torta de batatas, deixa os pepinos e a meia garrafa de bordelês, repousa a bandeja no corredor.

Batem novamente. Quatro batidas. Mondeville está triste e apressado. Ele deixa entrar uma moça negra, com uma boca bonita e pernas longas. Ela pega o dinheiro sobre a mesa de cabeceira, guarda-o na sua bolsa de couro vermelho. Mondeville está deitado, os braços atrás da cabeça. Sem uma palavra, a moça joga seus sapatos à frente, desamarra seu vestido de seda violeta, tira a calcinha e o sutiã.

Mondeville ergue-se, pega-lhe as ancas, as nádegas, mordisca seus peitos. Ela o empurra de volta para a cama, beija docemente seu torso sob a bainha da camisa. Abre-lhe o cinto, a calça.

Mondeville revê os dentinhos bem brancos de Claire.

– Teu romantismo vai ser tua perdição!

Trinta anos depois, Mondeville ainda acorda à noite com as palavras de Ariadne na cabeça. Sua noiva havia disparado a soluçar quando ele lhe anunciou sua partida para a África. A jovem tinha vinte e dois anos, Mondeville, vinte e cinco. Na véspera, ele havia entregue sua demissão ao general que comandava sua divisão.

– Eu quero a tormenta, ele havia declarado ao seu superior estupefato.

À noite mesmo, ele desembarcava na Gare d'Austerlitz. Em Paris, o céu estava opressivo. Ariadne o esperava só, no grande apartamento de seus pais, na rue de

Grenelle. Na entrada, Mondeville havia deixado cair sua bolsa e olhado para Ariadne com tristeza. Ela usava um vestido azul, um colar de pérolas, bonitos sapatos envernizados. O casamento estava programado para o mês de julho, uma recepção no castelo familiar na Touraine, depois de uma missa celebrada por um jesuíta amigo da família. Quinhentos convidados, mesas suntuosas, criadagem de libré, fontes ornamentais, fogos de artifício ao cair da noite.

Ariadne havia chorado, Mondeville havia fugido. Ele jamais esquecera os olhares chorosos da jovem. Ele havia caminhado, sofrido sob o sol da África para se livrar dessa imagem cruel. Ariadne. Para Brazzaville, onde aterrissara três semanas mais tarde, ele não havia levado nenhuma fotografia dela. Inútil. Não importava quando, não importava onde, no papel, na areia ou num muro, com um lápis ou um pedaço de carvão, ele podia traçar com uma mão firme a silhueta que conhecia de cor.

O perfil de Ariadne.

Esse desenho de um só traço havia sido o companheiro de momentos de angústia, de suas horas mais sombrias. Frequentemente lhe ocorria traçá-lo na poeira do caminho, a centenas de quilômetros do lugar menos civilizado. Mondeville pedira a tormenta, ele a havia encontrado. Ele havia conhecido marchas noturnas na savana, arma ao ombro, coração em bandoleira, e ataques temerários para capturar uma embaixada ou um posto de fronteira; golpes de estado fracassados e colóquios infindos em grandes hotéis desertos, à hora em que só o uísque pode reacender os sonhos.

Mondeville caminhou até a rue de Grenelle. Ele esqueceu o número, não o prédio, com seus três andares, o grande pórtico, os parapeitos em ferro forjado, o telhado de claraboias redondas.

Ele deixou o hotel à meia noite. Desceu a rue Royale até a Place de la Concorde, deixou o Jardin des Tuileries transformado em Luna-Park à sua esquerda para caminhar sob as árvores do Cours Albert-I^{er}. Atravessou o Sena sobre a Pont de l'Alma.

Nesse instante, ele pensou em seu pai. Quando passava lá, o general Mondeville gostava de honrar, com uma vigorosa saudação militar, a estátua do zuavo cujos pés se banham regularmente no Sena.

Na rue de Grenelle, ele parou em frente ao prédio que reconheceu de imediato. Em trinta anos de ausência, Mondeville não obteve nenhuma informação, nenhum rumor. Um instinto seguro o guia. Ela ainda mora lá, na casa dela, nesse apartamento que seus pais ocuparam antes dela, e seus avós antes deles. No segundo andar, as luzes estão acesas, silhuetas deslizam como sombras chinesas por trás das cortinas. Mondeville pensa nessas vidas felizes, sedosas, subtraídas às intermitências da História.

Um mundo de gozos egoístas que ele vomitou. De repente, ele reconhece. Uma fronte alta, um nariz reto e curto, lábios finos.

O perfil de Ariadne.

De manhãzinha, um pobre diabo que dormia às margens do Sena, velhote derrubado pelo vinho, o corpo tremelicando sob papelões encharcados pela neblina, acordou com um envelope contendo cinquenta mil dólares depositado sob a cabeça.

Algumas horas mais tarde, o corpo sem vida de um desconhecido foi recolhido em um filtro do rio, correnteza abaixo de Paris.

No céu sem fim, uma alma procura abrir para si as portas dos jardins profundos, dos profundos reinos da vida eterna.

LE PROFIL D'ARIANE

Sébastien Lapaque

L'hiver. Le ciel sur Paris est blanc et bas, la ville chavire d'un coup, piquée jusqu'aux os par un vent glacé qui glisse au ras des trottoirs. Comme chaque année, les restaurants Cyberfood célèbrent la saison nouvelle. À la gare Montparnasse, des haut-parleurs accrochés au béton diffusent des bruits de mouettes et de marée, des étudiants distribuent des beignets de poulet, du lait vitaminé.

Sous un large panneau lumineux proclamant « Hourra l'hiver ! », un homme et une femme s'embrassent. La fille a les cheveux teints en rouge, un anorak jaune, elle porte des chaussures de montagne. « Brutale répression à Tôkyô », annonce un quotidien aux pages éparpillées. La veille, le gouvernement japonais a fait donner la troupe sur les mineurs en grève. La rouquine s'en moque. Elle est heureuse et chic, égoïste, sensuelle, inconstante. Deux cheminots à casquette la sifflent. Elle se retourne, leur tire la langue.

Au même moment, Mondeville descend du train en provenance de Saint-Brieuc. Son port de tête altier, son visage aux joues creusées le distinguent dans la foule. Dans la gare réfrigérée, il avance à larges enjambées. À cinquante-cinq ans, il ressemble toujours au chef de section qu'il a été dans un régiment de cavalerie aéroportée, trente ans auparavant. Lieutenant Fléchier de Mondeville. Il n'est jamais passé au grade supérieur. Les galons de fantaisie qu'il a portés au Bénin, aux Comores et en Rhodésie n'y ont rien changé.

Sous la grande horloge marquant trois heures dix, Mondeville tire une dernière bouffée de sa cigarette. Dans le hall, il observe les voyageurs qui déambulent avec des skis sur l'épaule. Il a enregistré d'étranges mutations depuis son retour en Europe : le concert des téléphones portables, les conversations amères, la nervosité des femmes, la violence des uns, l'indolence des autres.

Dans le train, il a occupé son trajet à griffonner les pages d'un petit carnet à spirale. Toujours le même dessin, une ligne sinueuse, mystérieuse. Trois gares avant Paris, il a regardé deux jeunes garçons se battre sur le quai. Les malheureux gosses criaient comme des possédés. L'un d'eux a sorti un couteau. Le train est reparti.

Mondeville n'y pense plus. Il avance jusqu'à un marchand de journaux. Les gens se bousculent autour du présentoir des quotidiens. Il passe rapidement devant les magazines, indifférent aux titres. « Les secrets de la Grande Panne »... « Vivre heureuse en solo »... « La révolte des enfants »... « L'apothéose de Luis Mariano »... Au fond de la boutique, il trouve ce qu'il cherche. Il paie, enfouit le petit plan de Paris dans sa

poche. La vendeuse est arrêtée par son regard bleu, son nez racé, la précision de ses gestes.

L'atmosphère que Mondeville retrouve après tant d'années le surprend. Il ne reconnaît pas la gare. La première fois qu'il est venu, il avait six ans. C'était avant la construction de la tour Mont-parnasse, qu'il a vue grimper lentement dans le ciel, défier la pesanteur, lentement atteindre les nuages. Son oncle l'accompagnait. Il tirait fièrement sa petite valise derrière lui. Cette cathédrale noire et sonore l'impressionnait. Il aimait les échos métalliques sous la voûte, le murmure des locomotives, les distributeurs de bonbons.

En sortant, Mondeville chasse ces images. Il s'est longtemps cru promis à une mort violente. Jamais il n'a imaginé qu'un jour deux mondes si différents se télescoperaient en lui.

Sur le parvis, des jeunes gens vêtus de cirés roses distribuent des tracts en poussant des cris aigus. Ils prêchent la révolte. Les mains dans les poches de son caban, Mondeville s'arrête.

Une fille qui avance sur des rollers lui tend une feuille, repart aussi vite. Il prend le tract, le plie, le range dans sa poche. Des gouttes d'eau glacée tombent du ciel. Les jeunes gens sortent des confettis, les lancent sur le parvis, donnant à la bruine des couleurs d'arc-en-ciel. La fille revient vers Mondeville avec un autre papier.

— Vous signez, monsieur ?

Coquette, elle trouve Mondeville séduisant, fait un pas en avant. Il lève les yeux. Cette façon qu'elle a de battre des paupières. Ariane. Les mêmes joues, le même regard. Il ne lit pas le texte, griffonne un nom qui lui passe par la tête. Casimir Perier.

— Merci.

Elle a un joli sourire, des dents très blanches. Mondeville marche jusqu'à la tour Montparnasse, en songeant à sa fille. Le même âge que ces gosses, habillée comme eux, avec des pantalons rayés, des vestes larges. La semaine précédente, ils sont allés ensemble au cinéma. Maria a choisi un film qui lui plaisait, une histoire de rivalité entre un flic et un truand sur la côte ouest des États-Unis. Les acteurs étaient plutôt bons. Une scène de fusillade a illuminé le milieu du film. Le reste du temps, Mondeville s'est ennuyé.

Au restaurant, ils ne se sont presque pas parlé. C'était la première fois qu'ils se revoyaient depuis trois ans. Maria a dix-huit ans, le teint cannelle, des cheveux noirs, des yeux sombres et beaux. Elle porte le nom de sa mère. Les camarades de Maria Ndoudi sont loin de s'imaginer que son vrai nom est Marie Élisabeth Charlotte Fléchier de Mondeville. Un de ses ancêtres, le comte Duverger de Mondeville, fut l'aide de camp

du maréchal de Villars à la bataille de Denain. Beau portrait de lui dans les *Mémoires* de Saint-Simon.

Maria ne parle jamais de son père à ses amis. Sa mère, élevée par les dominicaines d'une mission française au Congo, a voulu l'inscrire dans une école privée. Elle disait qu'elle serait protégée. Mondeville était contre, mais il a cédé. Trop mal placé pour imposer ses vues sur l'éducation de sa fille. D'ailleurs, il n'en a aucune.

— Les bonnes sœurs ne te font pas de misères ? a-t-il demandé à Marie, embarrassé pour meubler la conversation pendant le dîner.

Elle a haussé les épaules.

— Mais papa, qu'est-ce que tu racontes ? Il n'y a plus de bonnes sœurs à Notre-Dame depuis vingt-cinq ans.

Mondeville atteint le bas de la tour Montparnasse, entre dans le hall. « Quelle idée de me donner rendez-vous dans un endroit pareil. »

Il se glisse dans l'ascenseur. Les portes se referment. La cabine monte en tremblant jusqu'au cinquante-sixième étage.

— Bonjour, monsieur.

Une hôtesse en tailleur bleu lui fait signe de la suivre. Mondeville lorgne ses cuisses serrées sous sa jupe, son cul rebondi.

Au fond du restaurant, il reconnaît Devienne, installé avec deux inconnus autour d'une table ronde. Ils se lèvent.

— Mondeville ! s'exclame Devienne.

Cette horreur de l'emploi du prénom entre hommes.

— Heureux de te revoir.

Devienne tient longuement son ami dans ses bras.

— Je te présente Enzo Panini et Bernard Le Brazinec, dit Braze, son homme de confiance pour la France. Assieds-toi.

Mondeville serre courtoisement les mains, prend place dans le fauteuil que lui désigne Devienne, la baie vitrée dans son dos.

— Tu bois quelque chose ?

Mondeville examine les trois verres sur la table. Il en prend un au hasard, renifle. Cognac.

— Citron pressé.

La nappe est tachée. Enzo Panini a défait les boutons de sa veste.

— Qu'est-ce que tu deviens ? demande Devienne.

Mondeville dévisage son ami. Il n'a pas changé. Prolixe, élégant, des cheveux blonds frisés, des yeux bleus transparents. Il est resté un infatigable pourvoyeur de mauvais coups. Lorsqu'il a su que Mondeville était rentré d'Afrique, il l'a appelé sans attendre.

— Un coup extraordinaire. L'occasion d'oublier les échecs du passé. Tu ne peux pas manquer ça. Je ne t'en dis pas plus...

— On m'a souvent vanté vos mérites, Mondeville.

Le Brazinec parle.

— En Rhodésie. Cela remonte à quelques années, mais je suis persuadé que vous n'avez rien perdu de vos dons. Je me trompe ?

— Je n'en sais rien.

Mondeville observe son interlocuteur. Un type maigrelet dont l'allure lui déplaît. Avec son blazer frappé aux armes d'une université anglaise, son pull rouge, sa chemise en toile claire, il est persuadé de ressembler à un colon britannique. Son teint rouge lui donne l'air souffreteux.

— Vous comprenez, Mondeville...

Odieux d'entendre son nom dans la bouche de ce charlatan.

— Les jeux africains ont pris fin. Je le déplore autant que vous. Nous avons perdu beaucoup d'argent dans toutes ces affaires. Moi-même... Mais pourquoi parler du passé ? L'Europe, n'en déplaise aux augures, sera le continent du XXI^e siècle. L'Asie est plombée par ses traditions. C'est chez nous que tout va se décider. Il nous appartient de créer les conditions d'une croissance durable. Les cartes sont entre nos mains. Vous voyez ce que je veux dire.

— Pas vraiment.

Pendant que Le Brazinec continue à dissenter... Projet très ambitieux... Gros intérêts financiers... Disposés à faire beaucoup d'efforts... Mondeville sort un carnet de sa poche.

Il examine Enzo Panini, gros homme chauve, vêtu d'un costume bleu, le cou ligoté par une cravate à fleurs, esquisse une vague figure. Devienne, qui connaît son goût du dessin, n'y prête pas attention.

Le Brazinec continue à parler en jouant avec ses longs doigts secs.

— Nous avons perdu beaucoup de temps. Il faut que tout cela soit réglé en deux mois. Les financiers n'attendent pas.

Mondeville est assis dans l'axe de la tour Eiffel. Il se retourne. Étonnant de flotter à cette hauteur. Il a le sentiment d'être embarqué à bord d'un navire. Paris est tout blanc, les immeubles minuscules. Les traînées laissées par les long-courriers semblent très proches. Les nuages glissent autour d'eux en gros paquets gris.

Enzo Panini se penche vers son associé, lui murmure quelques mots à l'oreille. Mondeville inspecte la tour Eiffel, les tours de la Défense. À l'entrée du Champ-de-Mars, les bâtiments de l'École militaire paraissent dérisoires. Il trace des lignes sur son carnet. À sa droite, au-delà du métro aérien, le lycée Buffon ressemble à un monastère. À gauche, le dôme des Invalides étincelle. Mondeville arrache une page, fait une boulette qu'il jette dans le cendrier. Devienne sursaute. Jamais son ami ne laisse de traces derrière lui.

— Vous aimez Paris, Mondeville ?

Encore Le Brazinec.

— Ça dépend.

— C'est-à-dire ?

— Quand je n'y suis pas.

— Vous avez beaucoup vécu à l'étranger.

— Vingt-cinq ans.

— Je suis heureux que vous appréciiez la perspective. Nous ne vous avons pas donné rendez-vous ici par hasard. Il faut que vous compreniez ce que nous voulons faire de Paris. M. Panini a fait spécialement l'aller et retour de Florence aujourd'hui pour que vous sachiez que tout cela est très sérieux. La tour Montparnasse est le symbole de tous les rendez-vous manqués. Sa construction aurait dû donner le signal de départ d'une

vaste ambition. Hélas, les hommes n'ont pas été à la hauteur. Paris a vingt-cinq ans de retard. À Toronto, Manhattan, Berlin, Hong Kong, Sydney, des tours telles que celle-ci ont servi de poumons, de centres nerveux. La tour Montparnasse est un bateau resté à quai.

Le Brazinec peut raconter ce qu'il veut. Mondeville va prendre l'argent et faire ce qu'on attend de lui sans poser de questions. Devienne tente d'abrèger la conversation.

— Partant ?

Son ami hoche la tête. Il tend la main à Enzo Panini qui sort deux enveloppes de sa poche. Mondeville s'en empare, salue rapidement les trois hommes et disparaît sans un mot.

Le Brazinec et Panini se lèvent, commentent leur rencontre en italien. Dans le cendrier, Devienne retrouve la boulette de Mondeville. Il la déplie, découvre le dessin. Une ligne stylisée à l'extrême, dans laquelle certains croiraient distinguer une signature. Devienne ne peut pas se tromper. Il a reconnu le dessin.

Le profil d'Ariane.

Déjà, Mondeville descend la rue Bonaparte en direction de la Seine. Dans le jardin du Luxembourg, les arbres frissonnent comme de longs squelettes racontant leurs secrets aux passants. La lumière sur les murs, le trottoir et les grilles du jardin est très blanche.

Une grande satisfaction envahit Mondeville. Il a rapidement examiné les enveloppes. La première est dans son caban, gonflée par les billets de cent dollars serrés les uns contre les autres ; la seconde dans la poche de son pantalon. Elle contient une clé.

Carrefour de l'Odéon, la place est bloquée par une manifestation de lycéens. Curieux, Mondeville se poste en retrait, près d'un cinéma. Les filles portent des ticheurtes jaunes, verts, roses, bleus, rouges, violets, sur lesquels sont imprimées des lettres composant leur cri de ralliement : « Respect. » Elles sautent, crient, s'embrassent. Pendant ce temps-là, les garçons braillent en lançant des tracts dans le ciel. *On est les champions !... On est les champions !...* La télévision s'est déplacée, elle interroge les meneurs. Groupés en mêlées, des manifestants empêchent les automobilistes de passer boulevard Saint-Germain. Dans la foule, Mondeville repère les policiers en civil. Des petites frappes aux mines patibulaires qui rêvent de provocation.

Depuis longtemps, le gouvernement ne répond plus à la contestation par la violence. Mondeville observe qu'il n'y a pas un policier en uniforme dans le périmètre. Le Premier ministre a été clair : attendre la dissolution du mouvement dans l'inanité de ses slogans, la vacuité de ses mots d'ordre, la confusion de ses buts.

— Monsieur.

Mondeville se retourne. C'est la lycéenne de tout à l'heure.

— Vous nous avez suivis jusque-là ?

— Un hasard.

— Vous êtes flic ?

— Demandez-le à ces messieurs de la Préfecture.

Mondeville a désigné deux types en blouson de cuir sous un Abribus. La fille est consternée.

— La police ?

— Semble-t-il.

— Comment les reconnaissez-vous ?

— Depuis le temps que j'ai appris à leur échapper.

— Vous n'avez pas une tête de bandit.

— Je n'en suis pas un.

— Espion ?

— Quel est votre prénom ?

— Claire.

Pendant qu'ils parlent, les slogans cessent, on range les banderoles. La circulation automobile reprend sur le boulevard Saint-Germain. Des hommes aux combinaisons vertes s'activent pour nettoyer le carrefour. Ils ramassent les tracts, effacent les inscriptions, suivis de véhicules munis de puissants jets d'eau chaude. Bientôt, il ne restera plus une trace de la manifestation. La vie reprendra ses droits, avec d'autres promesses, d'autres mots d'ordre.

La fille a disparu. Une manière d'impertinence dans ses questions, un accent rauque dans sa voix, un soupçon de folie dans ses mots ont failli convaincre Mondeville de la retenir. Un souvenir. En juin 1968, il s'était découvert une sympathie impromptue pour des militants assiégeant une centrale électrique bretonne. Chargé de protéger le site avec ses camarades de l'École spéciale militaire de Saint-Cyr-Coëtquidan, il s'était demandé ce qu'il faisait de ce côté de la barricade. Il y avait cette fille montée sur les épaules d'un garçon qui brandissait un drapeau rouge dans une main et dans l'autre un mégaphone. Elle braillait des slogans. Dans ses yeux flambait une colère qui avait impressionné Mondeville.

Rue de Rome, Mondeville retrouve l'hôtel où il a payé une chambre pour trois mois. Dans l'armoire, il a rangé des chemises, un pantalon, quelques affaires sans valeur. Il met de côté le paquet qu'il a récupéré à la consigne de la gare Saint-Lazare avec la clé d'Enzo Panini.

Il s'allonge sur son grand lit aux couvertures fatiguées, laisse errer son regard sur le papier peint où des couples de pastoureaux entourés de biches et de cerfs folâtraient dans l'herbe.

À huit heures, on frappe à sa porte. Mondeville ouvre. Une fille aux cheveux gras lui a monté son repas. Il dévore le poulet à la basquaise, la tarte aux pommes, laisse les concombres et la demi-bouteille de bordeaux, repose le plateau dans le couloir.

On frappe à nouveau. Quatre coups. Mondeville est triste et pressé. Il fait entrer une fille noire, avec une jolie bouche et de longues jambes. Elle prend l'argent sur la table de nuit, le range dans son sac en cuir rouge. Mondeville est allongé, les bras derrière la tête. Sans un mot, la fille jette ses chaussures devant elle, défait sa robe de satin violet, retire sa culotte et son soutien-gorge.

Mondeville se redresse, lui prend les hanches, les fesses, mordille ses tétons. Elle le repousse sur le lit, embrasse doucement son torse sous les pans de sa chemise. Elle défait sa ceinture, son pantalon.

Mondeville revoit les petites dents très blanches de Claire.

— Ton romantisme te perdra !

Trente ans plus tard, Mondeville se réveille encore la nuit avec les mots d'Ariane dans la tête. Sa fiancée avait éclaté en sanglots lorsqu'il lui avait annoncé son départ pour l'Afrique. La jeune femme avait vingt-deux ans, Mondeville vingt-cinq. La veille, il avait remis sa démission au général commandant sa division.

— Je veux de la tourmente, avait-il déclaré à son supérieur effaré.

Le soir même, il débarquait à la gare d'Austerlitz. À Paris, le ciel était accablant. Ariane l'attendait seule, dans le grand appartement de ses parents, rue de Grenelle. Dans l'entrée, Mondeville avait laissé tomber son sac et regardé Ariane avec tristesse. Elle portait une robe bleue, un collier de perles, de jolis souliers vernis. Leur mariage était programmé pour le mois de juillet, une réception dans le château familial en Touraine, après une messe célébrée par un jésuite ami de la famille. Cinq cents invités, des tables somptueuses, du personnel en livrée, des jeux d'eau, un feu d'artifice la nuit tombée.

Ariane avait pleuré, Mondeville avait fui. Il n'avait jamais oublié les regards éplorés de la jeune femme. Il avait marché, souffert sous le soleil d'Afrique pour se débarrasser de cette image cruelle. Ariane. À Brazzaville, où il avait atterri trois semaines plus tard, il n'avait emporté aucune photographie d'elle. Inutile. N'importe quand, n'importe où, sur du papier, du sable ou sur un mur, avec un crayon ou un

morceau de charbon, il pouvait tracer d'une main sûre la silhouette qu'il connaissait par cœur.

Le profil d'Ariane.

Ce dessin d'un seul trait avait été le compagnon de moments d'angoisse, de ses heures les plus noires. Il lui était souvent arrivé de le tracer dans la poussière du chemin à des centaines de kilomètres du moindre lieu civilisé. Mondeville avait réclamé le la tourmente, il en avait trouvé. Il avait connu des marches de nuit dans la brousse, arme à l'épaule, cœur en bandoulière, et des assauts téméraires pour prendre une ambassade ou un poste frontière ; des coups d'État manqués et des colloques infinis dans de grands hôtels déserts, à l'heure où seul le whisky peut rallumer les rêves.

Mondeville a marché jusqu'à la rue de Grenelle. Il a oublié le numéro, pas l'immeuble, avec ses trois étages, son large porche, ses garde-corps en fer forgé, son toit aux lucarnes rondes.

Il a quitté son hôtel à minuit. Il a descendu la rue Royale jusqu'à la place de la Concorde, a laissé le jardin des Tuileries transformé en Luna-Park sur sa gauche pour avancer sous les arbres du cours Albert-1^{er}. Il a traversé la Seine sur le pont de l'Alma.

À cet instant, il a pensé à son père. Lorsqu'il passait là, le général de Mondeville aimait honorer d'un vigoureux salut militaire la statue du zouave dont les pieds baignent régulièrement dans la Seine.

Rue de Grenelle, il s'est posté en face de l'immeuble qu'il a reconnu tout de suite. En trente ans d'absence, Mondeville n'a pas recueilli une information, une rumeur. Un instinct sûr le guide. Elle habite toujours là, chez elle, dans cet appartement qu'occupèrent avant elle ses parents, et avant eux ses grands-parents. Au deuxième étage, les lumières sont allumées, des silhouettes glissent en ombres chinoises derrière les voilages. Mondeville songe à ces vies heureuses, soyeuses, soustraites aux intermittences de l'Histoire. Un monde de joies égoïstes qu'il a vomi. Soudain il reconnaît. Un front haut, un nez droit et court, des lèvres fines.

Le profil d'Ariane.

Au petit matin, un pauvre diable qui dormait sur les berges de la Seine, vieillard assommé par le vin, le corps grelottant sous des cartons trempés par la brume, s'est réveillé avec une enveloppe contenant cinquante mille dollars glissée sous la tête.

Quelques heures plus tard, le corps sans vie d'un inconnu a été repêché dans un filtre du fleuve, en aval de Paris.

Dans le ciel sans fin, une âme cherche à s'ouvrir les portes des jardins profonds, des profonds royaumes de la vie éternelle.